

‘Tempo de nos aquilombar’: facetas da insubordinação e elogio às marronagens na obra *Nègre marron*, de Raphaël Confiant

'Es hora de quilombarse': facetas de insubordinación y elogio de los marronagens en la obra Nègre marron, de Raphaël Confiant

Vanessa Massoni da Rocha¹

Resumo

Esta comunicação privilegia a obra *Nègre marron*, de Raphaël Confiant, para estudar a figura legendária do “marron”, correspondente em francês do “quilombola” brasileiro e a experiência da “marronagem”. Publicada em 2006 e ainda sem publicação em português, a narrativa contempla cinco homens marrons, cada um exemplificando a insubordinação, a rebeldia e a verve da insurgência ao poder constituído em diferentes épocas na ilha da Martinica. Quatro deles se inscrevem no período colonial: Salomon em 1687, data da chegada dos primeiros escravizados africanos, Samuel em 1792, ano do início do período republicano na França metropolitana, Samson em 1841, época da Abolição da escravatura e Siméon em 1936, período das greves. O período pós-colonial é retratado a partir de Simao em 1978, época das drives folles (deambulações enlouquecidas). Assim, analisamos a fuga e suas metáforas para a constituição de identidades insurgentes que celebram a liberdade e a resistência como palavras de ordem vitais a despeito das violências e das armadilhas do espírito (pós)colonial.

Palavras-chave: literatura caribenha; marronagem; Raphaël Confiant; resistência.

Resumen

Esta comunicación privilegia la obra *Nègre marron*, de Raphaël Confiant, para estudiar la legendaria figura de “marron”, el corresponsal francés del “quilombola” brasileño y la experiencia del “marronaje”. Publicada en 2006 y aún sin publicación en portugués, la narrativa contempla a cinco hombres morenos, cada uno de los cuales ejemplifica la insubordinación, rebeldía y brío de la insurgencia al poder constituida en distintas épocas en la isla de Martinica. Cuatro de ellos están inscritos en el período colonial: Salomón en 1687, fecha de la llegada de los primeros esclavos africanos, Samuel en 1792, año del inicio del período republicano en la Francia metropolitana, Sansón en 1841, momento de la abolición de la esclavitud y Siméon en 1936, período de huelgas. El período poscolonial se retrata desde Simao en 1978, la época de los impulsos folles (vagabundeos enloquecedores). Así, analizamos la fuga y sus metáforas para la constitución de identidades insurgentes que celebran la libertad y la resistencia como consignas vitales a pesar de la violencia y las trampas del espíritu (pos) colonial.

Palabras clave: literatura caribeña; marronaje; Raphaël Confiant; resistencia.

Ao dar as boas novas para o corrente ano, Conceição Evaristo (2020, s/p) preconiza no poema “Tempo de nos aquilombar” que “é tempo de formar novos quilombos, /em qualquer lugar que estejamos, / e que venham os dias futuros, salve 2020, / a mística quilombola persiste afirmando: / ‘a liberdade é uma luta constante’”. Partindo-se da premissa da escritora brasileira, prêmio Jabuti em 2015, essa comunicação deseja estudar a vertente francesa da figura do quilombola, nomeado de *Nègre marron*. Figura central do imaginário caribenho, considerado

¹ Doutorado em Estudos de Literatura; Docente no instituto de Letras da Universidade Federal Fluminense; Niterói, Rio de Janeiro, Brasil; vanessamassonirocha@gmail.com

pelo intelectual martinicano Édouard Glissant como “o único verdadeiro herói popular das Antilhas” (1981, p. 10), o *Nègre marron* ganhou em 2006 uma narrativa homônima pelas mãos de Raphaël Confiant, um dos signatários do incontornável manifesto *Éloge de la créolité* (1989).

O personagem em tela, muito revelante em obras de Glissant (*Le Quatrième siècle*, 1964 ; *Mayagony*, 1987) e Patrick Chamoiseau (*L'Esclave vieil homme et le molosse*, 1997), descortina-se de maneira ainda mais contundente na obra de Confiant, quer seja pelo protagonismo no texto quer seja por sua polivalência. Em *Nègre marron*, cinco homens marrons são contemplados, cada um exemplificando a insubordinação, a rebeldia e a verve da insurgência ao poder constituído em diferentes épocas na ilha da Martinica. Quatro deles se inscrevem no período colonial : Salomon em 1687, data da chegada dos primeiros escravizados africanos, Samuel em 1792, ano do início do período republicano na França metropolitana, Samson em 1841, época da Abolição da escravatura e Siméon em 1936, período das greves. O período pós-colonial é retratado a partir de Simao em 1978, época das *drives folles* (deambulações enlouquecidas).

Assim, Confiant se propõe a radiografar cinco momentos históricos da ilha da Martinica e cinco fases de seus protagonistas, *nègres marrons* que reescrevem a versão inicial de marronagem vinculada à fuga de negros escravizados para as florestas e as montanhas em sinal de insubordinação civil e em ruptura com o poder constituído. O autor ressignifica o herói anônimo, propondo de maneira irreverente uma linhagem de personagens masculinos que colocam em cena um jogo entre a singularidade e a circularidade de identidades, representações e imaginários. Assim, os cinco personagens que habitam a obra *Nègre marron* – epíteto no singular – desafiam a ordem linear e descumprem os pactos de leitura promovidos pelo título da obra, promovendo um palimpsesto identitário de lutas e resistências. O *Nègre marron* se inscreve, ainda, nas pequenas e grandes marronagens, além de encarnar o rebelde apartado do *modus operandi* local.

Nesse sentido, essa comunicação contempla pelo menos três grandes aspectos da obra antilhana. De início, o fato de ser considerada pelo escritor um *récit* (narrativa) e não um romance, o que depõe, sobretudo, acerca das interfaces e distopias entre história, ficção e narração. Em seguida, a análise da figura do *Nègre marron* em suas ressignificações e metáforas, vislumbrando lançar luz em faceta central literatura antilhana, o engajamento social. Faremos, nesse momento alusão ao imaginário proposto por Chamoiseau, para quem viver nas Antilhas é escrever em país dominado (1997), no intuito de estudar as numerosas dominações, reais ou simbólicas, que se imprimem no espaço caribenho.

Por fim, nossas atenções se voltam para a tessitura do *Nègre marron* como mito fundador, capaz de personificar a “depossessão do espaço” (GLISSANT), ou seja, a possibilidade e a complexidade de se habitar – no sentido de se comungar com – um espaço associado à diápora africana, à violência colonial e onde não há marcas identitárias dos ancestrais. Sob esta perspectiva, para além do elogio ao ser sem amarras que forja sua liberdade em meio às opressões, o *Nègre marron* simboliza uma maneira insurgente de lidar, mapear e compreender a geografia afetiva e identitária do território caribenho.

Em nossas análises, para além dos intelectuais citados, incorporaremos leituras de Alain Ménil, Véronique Bonnet, Sébastien Sacré, Diva Damato e Eurídice Figueiredo. Em 2019, o artigo “Paroles d’antan et devoir de mémoire dans *Le Quatrième siècle*, d’Édouard Glissant”, de nossa autoria, foi publicado no número 48 da Revista Matraca (UERJ).

Referências

ADICHIE, Chimamanda. *O perigo da história única*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2019.

BASTIDE, Roger. Nègres marrons et nègres libres. In: *Annales*. Economies, sociétés, civilisations. 20^e année, N. 1, 1965. p. 169-174;

BERNABE, Jean, CHAMOISEAU, Patrick, CONFIANT Raphaël. *Éloge de la créolité*. Paris : Gallimard, 1989.

BERNARDINO-COSTA, Joaze. *Saberes subalternos e decolonialidade*. Brasília: editora UnB, 2015.

BONNET, Véronique. Le marron : légataire et arpenteur de la trace In De l'exil à l'errance: écriture et quête d'appartenance dans ça littérature contemporaine des Petites Antilles anglophones et francophones, 1997, p. 121-129.

BONNICI, Thomas. *Introdução ao estudo das literaturas pós-coloniais*. Bauru: Mimesis, 1998, p. 7-23.

_____. *O pós-colonialismo e a literatura – estratégias de leitura*. Maringá: EDUEM, 2012.

CAHEN, Michel. *Para além do pós(-)colonial*. São Paulo : Alameda, 2018.

CESAIRE, Aimé. *Discours sur le colonialisme*. Paris: Présence Africaine, 2015.

CHAMOISEAU, Patrick. *Écrire en pays dominé*. Paris : Gallimard, 1997.

CHAMOISEAU, Patrick. *L'esclavage: quelle influence sur notre poétique ?*, [https://www.facebook.com/ notes/patrick-chamoiseau/patrick-chamoiseau-lesclavage-quelle-influence-sur-notre-poetique-/10154280554678791](https://www.facebook.com/notes/patrick-chamoiseau/patrick-chamoiseau-lesclavage-quelle-influence-sur-notre-poetique-/10154280554678791). Acesso em 07.Abril.2016, 2016.

CONFIANT, Raphaël. Chronique du temps présent - Du conteur créole au marqueur de parole. In *Potomitan*. Disponible sur : <http://www.potomitan.info/confiant/conteur.php>, 2008.

CHAMOISEAU, Patrick & CONFIANT, Raphaël. *Lettres créoles*. Paris : Gallimard, 1999.

CONFIANT, Raphaël. *Nègre marron*. Paris: Écriture, 2006.

DAMATO, Diva. *Édouard Glissant: Poética e política*. São Paulo : Annablume, 1995.

DUMONT, Jacques et alii. La place du marronnage et du « nèg mawon » dans les commémorations de l'esclavage aux Antilles depuis 1948. *Société marronnes des Amériques Mémoires, patrimoines, identités et histoire du XVIIe au XXIe siècles*. Matoury, Guyane: IBIS ROUGE EDITIONS, 2015, p. 663-678.

EVARISTO, Conceição. É tempo de nos aquilombar. <https://oglobo.globo.com/cultura/em-textos-ineditos-escritores-expressam-desejos-para-2020-1-24165702>, 2020.

FIGUEIREDO, Eurídice. *Construções de identidades pós-coloniais na literatura antilhana*. Niterói : EdUFF, 1998.

GLISSANT, Edouard. *Le discours antillais*. Paris : Gallimard, 1977.

JACQUOT, Jocelyne. Historiographie du marronnage à la Martinique : de l'objet de polémique au sujet d'étude. *Revue Érudit*. Numéro 116-117-118, 1998.

KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MATSUI, Hiroshi. Le marronnage reconsidere dans *L'esclave vieil homme et le molosse* de Patrick Chamoiseau *ICU Comparative Culture* No.43, 2011. pp. 213-238.

MEMMI, Albert. *Portrait du colonisé précédé de portrait du colonisateur*. Paris : Folio, 1985.

MÉNIL, Alain. Créolisation et créolité. *Les voies de la créolisation : essai sur Édouard Glissant*. Paris: De l'incidence éditeur, 2011.

PATTANO, Luigia. *Entretien avec Raphaël Confiant*, 2011.

PUIG, Steve. Le marronnage en tant que moyen de résistance dans le film *Nèg Maron*. *Il Tolomeo*, vol 19, 2017, p.179-192.

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala ?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

ROCHA, Vanessa. Paroles d'antan et devoir de mémoire dans *Le Quatrième siècle*, d'Édouard Glissant. *Revista Matraca*, vol. 26, 2019, p. 594-615.

SACRÉ, Sébastien. Marron, quimboiseur et l'isolement magique dans la nature In *Spiritualité et réalisme merveilleux dans la littérature antillaise : la (re)construction d'une identité*, 2010, p. 332-347.